

**Sororidade: fio que entrelaça histórias de resistência coletiva perante a velhice e o corpo feminino****Sorority: thread that interweaves stories of collective resistance before old age and female body****Sororidad: hilo que entreteje historias de resistencia colectiva ante la vejez y el cuerpo femenino****Recebido: 29/09/2017****Aprovado: 23/02/2018****Publicado: 07/05/2018****Lucía Perez Sanchez<sup>1</sup>**  
**Marcela Rábago de Ávila<sup>2</sup>**  
**Georgina Castillo Castañeda<sup>3</sup>**

Este é o relato de uma experiência de trabalho clínico com mulheres, desde uma perspectiva psicogerontológica e práticas narrativas coletivas e dialógica colaborativas, que se distinguem pelo uso da linguagem como um elemento construtor e transformador da realidade. O objetivo deste estudo é proporcionar a reflexão crítica sobre os processos de envelhecimento que as mulheres atravessam. O método utilizado foi o qualitativo com participação das pessoas, utilizando a entrevista semiestruturada, através de cinco encontros. Cinco categorias foram evidenciadas, que são: Cumprimentando o meu corpo; *Carta ao meu corpo*: conversa de recordação; Hoje eu decido; A celebração; e Reescrever meu corpo. As mulheres perceberam que o apoio entre elas e os vínculos que os fortalecem são recursos com os quais a sua vulnerabilidade de gênero é limitada, assim como escutar umas às outras e tornar visíveis as suas histórias reforçou a ideia de sororidade, o que proporciona aos participantes um sentido emancipatório das histórias dominantes e hegemônicas.

**Descritores:** Corpo Humano; Mulheres; Envelhecimento.

This is the account of a clinical work experience with women from the psych gerontologic perspective and collective and collaborative-dialogic practices narratives, which are distinguished using language as a constructor and transformer element of the reality. Thus, the objective of this study is to provide critical reflection on aging processes that women go through. It used a qualitative method of people participation, using the semi-structured interview, in five meetings. Five categories were shown, namely: Greeting my body, *Letter to my body*: remembrance conversation, Today I decide, The celebration, and Rewriting my body. The women realized that support among them and bonds that strengthen is a resource with which their vulnerability of genre is limited, and when they hear each other and make visible their stories, the idea of sorority is strengthened and gives the participants an emancipatory sense of dominant and hegemonic stories.

**Descriptors:** Human body; Women; Aging.

Este es el relato de una experiencia de trabajo clínico con mujeres desde la perspectiva psicogerontológica y las practicas narrativas colectivas y colaborativas - dialógicas, las cuales se distinguen por el uso del lenguaje como elemento constructor y transformador de la realidad. Así, el objetivo de de este estudio es proporcionar la reflexión crítica sobre los procesos de envejecimiento que atraviesan las mujeres. El método utilizado fue el cualitativo de participación de las personas, con el uso de la entrevista semiestruturada, a traves de cinco encuentros. Cinco categorias fueron evidenciadas, a saber: Saludando a mi cuerpo, *Carta a mi cuerpo*: conversación de Remembranza, Hoy decido, La celebración, y Reescribir mi cuerpo. Las mujeres se dieron cuenta que el apoyo entre ellas y los vínculos que fortalecen es un recurso con el cual se limita su vulnerabilidad de género, así como al escucharse y hacer visible sus historias fortaleció la idea de sororidad que brinda a los participantes un sentimiento emancipador de las historias dominantes y hegemónicas.

**Descriptores:** Cuerpo humano; Mujeres; Envejecimiento.

1. Psicóloga. Psicogerontóloga. Terapeuta Familiar Sistêmica. Doutora em Psicologia. Professora pesquisadora com dedicação exclusiva na Área de Ciências Sociais e Humanidades da Universidad Autónoma de Nayarit. México. ORCID: 0000-0003-1614-7587 Email: lucia@systemica.com.mx

2. Psicóloga. Professora pesquisadora com dedicação exclusiva no Programa Acadêmico de Psicologia. ORCID: 0000-0001-9538-8033 Email: rabago76@hotmail.com

3. Psicóloga. Terapeuta Familiar Sistêmica. Professora pesquisadora com dedicação exclusiva. Doutora em Ciências da Educação. ORCID: 0000-0001-6358-550X Email: anigroegcc@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O termo sororidade é cunhado de um conceito que se refere à possibilidade de resignificação e coexistência entre as mulheres, e nasce no coração dos movimentos feministas<sup>1</sup>; traz para análise e reflexão o questionamento sobre: por que, se há um reconhecimento de igualdade em valor, direitos, dignidade e liberdade, entre homens e mulheres, o feminino tem que ser enfatizado? Talvez o sentimento de acompanhamento na busca do bem comum feminino é algo que deve ser avaliado e refletido?

E, se a resposta é um categórico sim, porque trabalhar com mulheres gera, desde a perspectiva ética feminista dos estudos de gênero, a necessidade de um ressarcimento e compreensão para reencontrar a origem emocional dos vínculos com outras mulheres em um relacionamento de semelhantes?

Em cada uma das etapas pelas quais a mulher transita: como criança, como adolescente, como mãe ou como mulher idosa, é necessário levar à reflexão, o significado de cada uma das mulheres em toda a história de suas vidas, para ratificar ou resignificar as próprias vivências e transformar seus protagonistas em reautoras de sua própria identidade<sup>2</sup>.

O que leva a avaliar a possibilidade de construir uma cultura como forma de contribuir para a desconstrução de preconceitos e estereótipos que reproduzem maneiras e formas restritivas, excludentes das mulheres de então e de agora, que aspiram a condições dignas legítimas de existência; a sororidade, então, personaliza uma escolha crucial e vital, que simbolize e identifique um novo matiz de possibilidade entre mulheres cúmplices, apesar de seus mundos diversos e percursos diferentes.

A premissa e material de trabalho levado em consideração a potencialização dos recursos que as mulheres têm desenvolvido por natureza e que, quando envelhecem se transformam em poderosas fontes que limitam a sua vulnerabilidade, essas forças são as redes de amizade, vizinhança e comunidade que se apresentam como espaços de solidariedade e apoio, ou melhor, de

sororidade, com o qual podem dar ou resignificar um novo sentido de vida, como é o processo de envelhecimento - em que é necessário reorganizar e diversificar a escala de valores e ideais<sup>3</sup>.

Por esta razão, o trabalho visa contribuir com a extensão de alternativas que impactarão na construção de uma cultura da sororidade das participantes e otimizarão seus recursos como mulheres para viver mais plenamente a fase da vida em que se encontram. Assim, o objetivo deste estudo é fornecer uma reflexão crítica sobre os processos de envelhecimento que as mulheres atravessam.

## MÉTODO

Este trabalho apresenta o desenho e os resultados de uma oficina de corte psicogerontológico, numa perspectiva colaborativa e reflexiva; que tem sua origem em modelos terapêuticos com base socioconstrutivista<sup>4,5</sup>, tais como o modelo Narrativo<sup>6,7</sup> e o modelo Colaborativo e Dialógico, que enfatizam a benevolência do trabalho conjunto, participativo, aberto e plural, no qual se favorecem os processos de interação e a linguagem como geradores de mudanças<sup>8-10</sup>.

Apresenta-se narrativas alternativas de histórias de resistência da experiência da sororidade, com a participação das mulheres no processo de envelhecimento, ajudando a identificar os sentidos, experiências e atividades para potencializar a experiência do relacionamento entre mulheres.

Utilizou-se a abordagem qualitativa, do método de pesquisa da ação participativa<sup>11</sup>. Para isso foi realizado entrevistas semiestruturadas com profundidade grupal, também conhecidas como conservatórios e grupos de discussão<sup>12</sup>, para explorar as formas em que as cinco mulheres participantes - entre as idades de 45 e 60 anos - se relacionam, e estabelecem laços de irmandade (sororidade) durante seus processos de envelhecimento, na cidade de Tepic - Nayarit, México.

O método de amostragem foi não probabilístico, por ter um desenho qualitativo de estudo de caso<sup>13</sup>, utilizando sujeitos voluntários de inclusão contínua por

conveniência, com a técnica de bola de neve.

A organização e a análise das informações foram realizadas através da análise de conteúdo do que foi dito por cada participante, com o uso do programa ATLAS para desenvolver a categorização analítica<sup>14</sup>.

Para o desenho do grupo de discussão, escolheu-se a estrutura de uma oficina e estabeleceu-se as questões que seriam abordadas em consonância com as etapas da metodologia das práticas narrativas coletivas e as dialógicas colaborativas, bem como o número de sessões.

Este trabalho foi constituído por cinco encontros realizados durante o segundo semestre de 2017 e mostra, através de algumas perguntas, as percepções das mulheres sobre seu processo de envelhecimento. As perguntas geradoras ou as atividades de narrações impactaram sobre:

#### Primeiro encontro

1. A influência do problema (a experiência do envelhecer) na vida e as relações das mulheres com o seu corpo.

- Como se apresenta na sua vida a experiência do seu corpo e seu processo de envelhecimento?
- Que áreas de sua vida foram modificadas por este processo e de que maneira?
- Como a maneira de ver seu corpo influenciou nas relações com sua família e outras mulheres: amigas, colegas de trabalho?
- Como a ideia que você tem sobre o processo de envelhecimento tem influenciado suas atividades?

2. A influência das mulheres na vivência do problema (a experiência do envelhecimento).

- O que você mais valoriza em experimentar esta etapa da vida?
- Quais expectativas você acha que a sociedade tem com mulheres da sua idade?
- O que você acha sobre essa visão devido ao processo de envelhecimento?
- Como você enfrentou essas expectativas e as confrontou com o que você realmente prefere para sua vida?
- O que você diria sobre o seu compromisso de viver o seu processo de envelhecimento?
- Que coisas você aprendeu com esta etapa da vida que você não teria adquirido de outra maneira?

Qual seria a maneira que você poderia honrar em sua vida esses novos conhecimentos que lhe deu o processo pelo qual você está passando?

#### Segundo encontro

- Houve algum momento em que você estava prestes a ceder às expectativas que os outros têm de mulheres da sua idade, mas conseguiu resistir? Como você fez isso?
- Como você aprendeu a defender o seu direito de escolher como você quer viver o seu processo de envelhecimento?
- Com que valores se relaciona na sua capacidade de defender sua maneira de viver o envelhecimento?
- Com quem você aprendeu a defendê-lo?
- O que significa essa pessoa em sua vida?
- Como a influência dessa pessoa marcou sua vida?
- Como você acha que contribuiu ou pode contribuir para a pessoa que influenciou tanto você?
- Se você pudesse ver através dos olhos desta pessoa, o que você enxergaria? Como afetaria você se enxergar através dessa nova visão?
- Quais características de sua pessoa fazem você se sentir satisfeita nesta fase de sua vida?
- Como pode influenciar os próximos passos em sua vida o que você agora sabe sobre si mesmo?
- Quem notaria a sua mudança?
- Como você saberia que essa pessoa percebeu?
- Como essa pessoa se comportaria com você quando percebesse a mudança?

#### Terceiro encontro

- Do que foi expresso, o que mais atraiu você ou chamou a sua atenção?
- Descreva as imagens que surgiram na sua mente ao ouvir os participantes.
- O que ficou ecoando em vocês com as expressões ouvidas?
- Para onde foram transportadas como o que ouviram?

#### Quarto encontro

- Que novas aprendizagens o conhecimento hoje resgatado traz sobre o seu processo de envelhecimento?

- Que ferramentas você tem a partir de hoje?
- Como elas serão usadas para se relacionar de uma nova maneira com seu corpo?

#### Quinto encontro

- Sugestão de escrita das participantes aos seus corpos

Os procedimentos éticos necessários foram realizados e a carta de consentimento informado foi entregue para sua leitura e assinatura, a qual detalhava sua participação e o uso que seria dado à informação, bem como à proteção de sua identidade.

## RESULTADOS

### Primeira categoria – “Cumprimentando o meu corpo”

Foram exploradas discussões de desconstrução ou externalização e reautoria das narrativas saturadas do problema.

*“... senti-me sozinha sem fazer nada... acabou meu mundo quando já não tinha meus pequenos... o restante sobrava... eu vejo meus cabelos brancos e penso “está tudo bem”, é claro que você se sente bonita com a tintura... de uma ano pra cá eu estou feliz e eu digo que tinha algo em mim que tinha que viver esse processo... para mim é um desafio,... tanto tempo para estar em um processo esquecida de mim mesma e de meus sentimentos e tudo o que aconteceu comigo... ao redor, eu não sei o que aconteceu havia algo que eu não aceitava, talvez, minhas mudanças...” (Participante 1).*

As mulheres entrevistadas retratam em seu discurso sentimentos que flutuam entre as convenções sociais rígidas perante a mulher que envelhece e as novas maneiras com que elas se assumem nesta fase da vida.

*“... acham que na idade que estamos, e eu sou uma mulher quase adulta em crescimento, acham que muitas coisas nos limitam... eu visito minha mãe que não vive nesta cidade e minha mãe, com 83 ou 85 anos vai pra aula, joga baralho e eu vou visitar ela e eu digo: mãe, eu vim te visitar e ela diz: Sim, mas eu já vou...” (Participante 2).*

*“... quando vejo as mudanças no meu corpo eu digo: Eu cresci!... perdes algumas coisas, mas você ganha outras... eu era que a águia, eu fui para arrancar as penas, durei muitos anos, mas quando voltei, ressurgi, e esta é quem eu sou hoje, eu vivi esse processo de envelhecimento, que é o crescimento a partir de agora... eu gosto e todos os dias eu agradeço a Deus... é um presente crescer todos os dias...” (Participante 3).*

*“... respeitando os nossos ideais e os nossos valores... ver em quem eu não quero me transformar e se eu vejo alguém plena e feliz, tentar imitar ou aplicar o que aquela mulher está fazendo para ser feliz e ter chegado onde ela está, eo que eu posso fazer com meus próprios meios...” (Participante 4).*

### Segunda categoria – “Carta ao meu corpo: conversa de recordação”

As conversas de recordação deram às mulheres a oportunidade de entrar em contato novamente com experiências de suas vidas que de outra forma não dariam atenção: *“... cada dia é um dia a menos, mas ao mesmo tempo é legal porque eu tenho perto e admiro muito a minha mãe, a dignidade com que ela soube envelhecer, a altura, porque não é fácil ver como ela está cheia de rugas... ao me relacionar com mulheres adultas e eu acho que, de todas elas, aprendo o que eu quero do que eles estão fazendo e que é o que não faz elas felizes e que é o que eu também não quero, eu aprendo em ambos os sentidos das mulheres ao meu redor...” (Participante 1).*

### Terceira categoria – “Hoje eu decido”

A descrição dos terapeutas revela, em seu discurso, a aprendizagem que adquirem quando ouviram as histórias das mulheres participantes, fazendo deste um momento dialógico no qual pode ser feita a inclusão de uma multiplicidade de vozes que enriquecem o processo terapêutico.

Essa polifonia permitiu aos participantes se ouvirem através de outras pessoas e através delas reforçar a nova história que foi construída no coletivo...:

*“...o que me impressionou são as suas histórias, como todas elas são diferentes, com histórias de vida diferentes e como cada um desses eventos em suas vidas, sejam bons, ruins, críticos, negativos, levaram à construção das mulheres que são hoje. Às vezes reclamamos o que acontece conosco ou queremos ter algo que não temos, mas eu acho que algo acontece por algum motivo, é assim por alguma razão e por isso nós somos o que somos agora, por isso suas histórias me impressionaram...” (Terapeuta 1).*

*“... para mim o mais interessante é que cada uma delas têm diferentes personalidades e vivem uma fase diferente, mas coincidem na importância de se livrar dos estereótipos, livrar-se de tabus que muitas vezes vem das pessoas próximas, da família, como se comportar em uma certa idade, que você tem que fazer isso ou aquilo outro, você não pode fazer isso ou aquilo, inclusive pessoas vizinhas ou pessoas que você vê na rua. É muito interessante que coincidem com a mesma coisa, que devem se livrar dos bloqueios mentais e quebrar essa percepção das pessoas e fazer o que quiserem, ser elas mesmas, cada um de vocês tem a essência de ser você mesmo...” (Terapeuta 2).*

### Quarta categoria “A celebração”

As mulheres têm como resposta uma ressignificação e validação também de suas próprias percepções positivas sobre seu corpo e seu processo de envelhecimento; ouvir

outras mulheres fortalece sua identidade, sua capacidade de lidar com situações adversas e consegue se visualizar como coparticipante de um fenômeno mais amplo:

*"... eu tomo como aprendizado o perdoar e me perdoar e lutar, mesmo que seja velha, aprender a lutar pelo que eu sinto, pelo que eu gosto, com o meu parceiro e meu filho..."* (Participante 2).

*"...pois eu tomo o compromisso comigo mesma de continuar acrescentando, alimentando, cuidando e terminar aceitando minhas mudanças, os pneus, as estrias, e torná-los parte de mim e que, se eu preciso mudar isso para não engordar, para seguir acompanhando [ele refere-se ao seu corpo] porque ele me ajuda espiritualmente, também é parte da aceitação social de quem eu sou e que eu decido sobre meu corpo..."*. (Participante 4).

### Quinta categoria- "Reescrever meu corpo"

Reconhecimento da conquista e entrega de certificados, reafirmando as realizações

**Figura 1.** Carta escrita pelas mulheres participantes da oficina: "Reescrever meu corpo". Tepic, Nayarit (2017).

Carta ao meu corpo

Caro corpo:  
 Agradeço-lhe e aceito-lhe como condutor das minhas emoções.  
 Por você eu desfruto e percebo as adversidades da vida.  
 Valorizo todas as minhas fases e processos hormonais.  
 A virtude de dar vida e amor; comprometo-me a alimentá-lo física e espiritualmente.  
 Independentemente de suas doenças...EU TE AMO

## DISCUSSÃO

As práticas narrativas<sup>15</sup>, bem como as dialógicas colaborativas<sup>16</sup>, permitem a cada participante ou membros da comunidade abordarem seu problema, dando a cada um a possibilidade de expressar em seus termos as descrições de suas próprias vidas, suas identidades e suas relações, contando com o público, o que reforça o que foi falado<sup>17-19</sup>.

Essa forma específica de trabalhar a partir das práticas narrativas e o diálogo colaborativo contribui de forma alternativa para a estrutura do conhecimento científico, uma vez que permitem focalizar a atenção nas formas hegemônicas próprias de uma sociedade que favorece a discriminação e a cultura de "velhíssimo" perpetuando dinâmicas cotidianas que ocorrem dentro dos vários contextos onde as mulheres interagem, quebrando essa rigidez de expectativas através da exceção ou da chamada história alternativa.

através de rituais terapêuticos nos quais são expedidos os documentos que afirmam o exposto. Estes documentos terapêuticos têm a peculiar característica de enriquecer as histórias preferidas.

Nestas cerimônias, a postura das testemunhas externas deve ser descentralizada, mas influente, onde as preocupações e as experiências da vida dos participantes estão no centro da cerimônia, pelo que devem ser honradas e reconhecidas, daí que sejam consideradas como ritos de reconhecimento e celebração da identidade. A Figura 1 mostra a carta escrita pelas mulheres participantes, bem como, o certificado entregue a elas no final da oficina.

As práticas narrativas e o diálogo colaborativo ajudam as mulheres a não se sentirem sozinhas, a se conhecerem na solidariedade, e implementar várias formas de manifestar-se contribui para o reconhecimento necessário destas formas, para dialogar e para levá-las ao plano da reflexão, torná-las visíveis não apenas como qualidades femininas naturais e intrínsecas, mas como um ato altamente ético e político de empoderamento e profunda resignificação das mulheres no processo de envelhecimento.

O principal resultado desta oficina de conversação foi que as mulheres foram capazes de elaborar um questionamento crítico-reflexivo do que a cultura de gênero hegemônica constantemente reitera a partir das representações da feminilidade, que giram em torno da beleza e da perfeição como norma crítica das mulheres, que também coincidem com os resultados que a partir de diferentes disciplinas se expõe o fenômeno

chamado corpo e velhice, e que se refere à idade como um traço característico da sociedade contemporânea, que recompensa a beleza e os corpos jovens<sup>22,23</sup>.

Nas narrativas das mulheres participantes, pode ser observada uma mudança no sentido intersubjetivo de ser uma mulher idosa<sup>24</sup>, que se reflete em seus sentimentos e experiências em seu corpo de “ser velha”, bem como suas expectativas e condições de longevidade<sup>25</sup>.

A função de ser uma mulher que envelhece é emoldurada pelo que tem construído ao longo dos anos em sua vida familiar, profissional e social. Talvez, comparar as suas experiências com as das outras participantes favorece a germinação desta nova maneira de se enxergar e refletir sobre si mesmas<sup>26</sup>, e de alguma forma a faculdade de desenvolver mais plenamente um tipo de competência emocional, que permite experimentar esta fase da vida com maiores recursos<sup>27-29</sup>.

Os achados também destacam como este tipo de intervenção favorece o empoderamento dos participantes<sup>30,31</sup>, decidindo desde sua própria ressignificação<sup>32</sup>, sua narrativa preferida<sup>33</sup>, de maneira a gerar um espaço terapêutico único<sup>34</sup> até ao reforço do aspecto ético das práticas terapêuticas narrativas e dialógicas colaborativas, que é o mais notável, pelo que se deseja compartilhar<sup>35</sup>.

## CONCLUSÃO

O interesse de compartilhar e tornar conhecido este trabalho, além dos resultados aqui apresentados, foi o de expor o modo como entender e realizar as práticas narrativas e dialógicas colaborativas em diversos contextos, facilitando, a abertura de espaços de reflexão, especialmente na América Latina.

Por essa razão, esta pesquisa é significativa, no qual pode se ver como o apoio de outras mulheres (sororidade) é muito importante, e um recurso com o qual se limita a sua vulnerabilidade de gênero e que, apesar de haver discordâncias na maneira de viver e confrontara vida, o fato de ser mulheres faz com que se unam e pensem coletivamente.

Além disso, estas práticas são

consideradas necessárias para gerar histórias de justiça, resistência, histórias de resgate de saberes e formas alternativas de viver desde a posição de **SER MULHERES**.

Quanto à pesquisa e contribuições para a psicoterapia, este trabalho destaca o envolvimento de terapeutas familiares no diálogo terapêutico e como eles experimentam e desenvolvem essas práticas narrativas e dialógicas colaborativas que podem ser empiricamente observadas através de métodos qualitativos por meio da análise da conversação.

No entanto, uma das limitações deste estudo foi o tempo gasto em cada sessão, por isso é recomendável replicar esse tipo de trabalho e abrir o espaço em pelo menos duas horas por sessão.

Isso também abre a alternativa para desenvolver este mesmo tipo de conversa com o sexo masculino e, portanto, fazer uma comparação sobre a experiência do envelhecimento de seus corpos e também saber as maneiras em que eles geram este tipo de aliança, como no caso das mulheres, a sororidade.

## REFERÊNCIAS

1. Lagarde M. Pacto entre mujeres. Sororidad. Aportes para el Debate. [Internet]. 2006 [citado en: 03 set 2017]; 25:123-35. Disponível em: <http://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf>
2. Arias LB. Entre-tejidos y redes: recursos estratégicos de cuidado de la vida y promoción de la salud mental en contextos de sufrimiento social. Prospectiva. [Internet]. 2017 [citado en: 12 nov 2017]; (23):51-72. Disponível em: <http://revistas.univalle.edu.co/index.php/prospectiva/article/view/4586/6808>
3. Coria C, Freixas A, Covas S. Los cambios en la vida de las mujeres: temores, mitos y estrategias. Barcelona: Paidós; 2005.
4. Anderson T. Procesos de reflexión: actos informativos y formativos. En: Friedman S. Terapia familiar con equipo de reflexión. Buenos Aires: Amorrurtu, 2005. p.39-69.
5. Tarragona M. Psicología positiva y terapias constructivas: una propuesta integradora. Ter Psicol. [Internet] 2013 [Citado en: 13 nov 2017]; 31(1):115-25. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-48082013000100011>
6. White M. Mapas de la práctica narrativa. Chile: Pranas, 2016.

7. White M. *Práctica narrativa: la conversación continua*. Chile: Pranas; 2015.
8. Anderson H. *Conversación, lenguaje y posibilidades: un enfoque posmoderno de la terapia*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
9. Seguí DJ. Premisas filosóficas de los enfoques postmodernos en terapia: elementos teóricos propuestos por Harlene Anderson. España: Instituto Kanankil-Umans en Red; 2012. Documento de trabajo sin publicar.
10. Seguí DJ. *Mentalidad Humana*. España: Endialogos, Asociación Española de Prácticas Colaborativas y Dialógicas; 2015.
11. Jiménez DB. Investigación cualitativa y psicología social crítica: contra la lógica binaria y la ilusión de pureza. Dossier: Investigación Cualitativa en Salud. [Internet]. 2008 [citado en: 14 ago 2017]; (17):1-17. Disponible em: <https://groups.google.com/forum/#!topic/ic-investigacion-cualitativa/0mZiclzmmcE>
12. Cifuentes G. *Diseño de proyectos de investigación cualitativa*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico; 2011.
13. Hernández SR, Fernández CC, Baptista LP. *Metodología de la investigación*. 6ta ed. México: McGraw Hill; 2014.
14. Acevedo MH. El proceso de codificación en investigación cualitativa. Contribuciones a las Ciencias Sociales. [Internet]. 2011 [Citado en: 12 nov 2017]; 12. Disponible em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/12/mha2.htm>.
15. White M, Epston D. *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Barcelona: Gedisa; 2013.
16. Andersen T. *El equipo reflexivo: diálogos y diálogos sobre los diálogos*. Barcelona: Gedisa; 1991.
17. Gergen K. *Realidades y relaciones: aproximaciones a la construcción social*. Barcelona: Paidós; 1996.
18. White M. *Reflections on narrative practice: essays and interviews*. Adelaide, Australia: Dulwich; 2000.
19. Denborough D. Una línea histórica de la práctica narrativa colectiva: una historia de ideas, proyectos sociales y colaboraciones (2da parte). *Rev Psic Procesos Soc*. [Internet]. 2015 [Citado en: 25 out 2017]; 11(1):1-38. Disponible em: <https://www.uv.mx/psicologia/files/2015/09/David-Denborough.pdf>
20. Orellana CI. El desafío de construir una Psicología del desarrollo crítica en sociedades inhóspitas. *Rev Costarric Psicol*. [Internet]. 2016 [Citado en: 12 nov 2017]; 35(2):67-82. Disponible em: <http://www.rcps-cr.org/openjournal/index.php/RCPs/article/view/83/104>
21. Muñoz E. Pensar el cuerpo de las mujeres: cuerpo, belleza y feminidad: una necesaria mirada feminista. *Soc Estado*. [Internet]. 2014 [Citado en: 12 nov 17]; 29(2):415-32. Disponible em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/06.pdf>. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200006>
22. Sánchez VP. Vejez y género: algunos conceptos para el análisis y el debate. [Editorial]. *Res Ageing Soc Policy*. [Internet]. 2016 [Citado en: 12 nov 17]; 4(1):1-2. Disponible em: <http://hipatiapress.com/hpjournals/index.php/rasp/article/view/1881> DOI: <http://dx.doi.org/10.17583/rasp.2016.1881>
23. Freixas FA, Salas LB. La sexualidad de las mujeres mayores: perspectiva evolutiva y psicosocial. *Anu Psicol*. 2014; 44(2):213-28.
24. Fernández BR. Positive ageing: objective, subjective, and combined outcomes. *E-J Appl Psychol*. [Internet]. 2011 [Citado en: 12 nov 17]; 7(1):22-30. Disponible em: [https://www.researchgate.net/publication/265811864\\_Positive\\_ageing\\_Objective\\_subjective\\_and\\_combined\\_outcomes](https://www.researchgate.net/publication/265811864_Positive_ageing_Objective_subjective_and_combined_outcomes). Doi:10.7790/ejap.v7i1.238
25. Freixas FA. Gerontología feminista: comprender la compleja y sutil vida de las mujeres mayores. *Mujeres y Salud*. [Internet]. 2005-06 [Citado en: 13 nov 17]; (17):16-7. Disponible em: [http://matriz.net/mys17/pdf/17\\_8.pdf](http://matriz.net/mys17/pdf/17_8.pdf)
26. Martínez DVME. Piense por usted mismo y otorgue el privilegio de hacer lo mismo. En: *Sororidad posibilidad de resignificación y coexistencia entre mujeres*. México: Dirección General de Formación Continua de la Universidad Intercontinental; 2014.
27. Mikulic IM, Radusky P, Crespi M. Construcción y validación del inventario de competencias socioemocionales para adultos (ICSE). *Interdisciplinaria*. [Internet]. 2015 [Citado en: 24 jan 2017]; 32(2):307-29. Disponible em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18043528007>
28. Milgrom H, Hait T, Vogel T. Intricate interplays in women's groups: vulnerability and strength meet in the second half of life. *J Women Ther*. [Internet]. 2016 [Citado en: 12 nov 17]; 39(3-4):260-79. Disponible em: <http://dx.doi.org/10.1080/02703149.2016.1116860>
29. Lion CM. Caminhando no contexto das práticas colaborativas e narrativas: experiências profissionais transformadas. *Nova Perspect Sist*. [Internet]. 2017 [Citado en: 15 nov 17]; 26(57):21-36. Disponible em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412017000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000100003&lng=pt&tlng=pt)
30. Strong T, Busch R, Couture S. Conversational evidence in therapeutic dialogue. *J Marital Fam Ther*. [Internet]. 2008 [Citado en: 13 dic 17]; 34:388-405. Disponible em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1752-0606.2008.00079.x/abstract>. Doi:10.1111/j.1752-

0606.2008.00079.x

31. D' Araujo MA, Alpuim M, Rivero C, Marujo HA. A Narrative practices and positive aging: a reflection about life celebration in a group of old women. *J Women Ther.* [Internet]. 2016 [citado em: 13 nov 17]; 39(1-2):106-23. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02703149.2016.1116323>

32. Lee J. Las mujeres re autoría de sus vidas a través de terapia narrativa feminista. *J Women Ther.* [Internet]. 2008 [Citado em: 14 nov 17]; 20(3)1-22. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1300/J015v20n03\\_01](http://dx.doi.org/10.1300/J015v20n03_01).

33. Latorre GI. Prácticas de terapia narrativa: voces latinoamericanas tejiendo relatos preferidos. Chile: Pranas; 2017.

34. Ramirez N, Monk G. Crossing Borders: Narrative therapy with undocumented mexican women on a journey beyond abuse and violence. *J Syst Ther.* [Internet]. 2017 [Citado em: 15 nov 17]; 36(2):27-38. Disponível em: <https://doi.org/10.1521/jsyt.2017.36.2.27>.

35. Carrijo R.S, Raser EF. Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa. *Psicol Clín.* [Internet] 2010 [Citado em: 12 nov 17]; 22(1):125-40. Disponible en: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a08v22n1.pdf> DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000100008>

36. Haugaard CH. Narrative therapy as an ethical practice. *J Syst Ther.* [Internet]. 2016 [Citado em: 15 nov 17]; 35(1):1-19. Disponível em: <https://guilfordjournals.com/doi/pdf/10.1521/jsyt.2016.35.1.1> DOI: <https://doi.org/10.1521/jsyt.2016.35.1.1>

**Agradecimentos:** Às mulheres participantes que fizeram possível a realização desta oficina, assim como as terapeutas e psicólogas que a realizaram e apoiaram de maneira generosa e eficiente. Ao Programa para o Desenvolvimento Profissional Docente, do Tipo Superior (PRODEP - UAN-EXB 323) por financiar este trabalho com a reincorporação de ex-bolsistas.

### CONTRIBUIÇÕES

**Lucía Pérez Sánchez** foi responsável técnica do projeto SIP 16-149 perante a Secretaria de Investigación e Pós-graduação da UAN, concebendo a ideia, desenho da investigação e a oficina, e redação. **Marcela Rábago de Ávila** auxiliou na execução e coordenação da oficina, realizou a análise e interpretação dos dados e conteúdo das conversas e diálogos das participantes. **Georgina Castillo Castañeda** colaborou com a coleta de dados, análise e interpretação, e revisão crítica.

### Como citar este artigo (Vancouver)

Sanchez LP, Ávila MR, Castañeda GC. Sororidade: fio que ele entrelaça histórias de resistência coletiva perante a velhice e o corpo feminino. *REFACS* [Internet]. 2018 [citado em: *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 6(Supl. 1): 386-393. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

### Como citar este artigo (ABNT)

Sanchez, L. P.; Ávila, M. R.; Castañeda, G. C. Sororidade: fio que ele entrelaça histórias de resistência coletiva perante a velhice e o corpo feminino. *REFACS*, Uberaba, v. 5, p. 386-393, 2018. Supl. 1. Disponível em: *inserir link de acesso*. Citado em: *inserir dia, mês e ano de acesso*]; DOI: *inserir link do DOI*.

### Como citar este artigo (APA)

Sanchez LP, Ávila MR, Castañeda GC. (2018). Sororidade: fio que ele entrelaça histórias de resistência coletiva perante a velhice e o corpo feminino. *REFACS*, 6(Supl. 1), 386-393. Recuperado em: *inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso*. DOI: *inserir link del DOI*.